



ponτονβιργουλινα #1

afrofuturismo

ponτο #1  
νιργου  
λινα



# afrofuturismo

Revista Ponto Virgulina  
Edição Temática #1

2020

pág

010	<b>01</b> <b><u>Toni Morrison</u></b> A vida moderna começa na escravidão	140	<b>06</b> <b><u>Lisa Yaszek</u></b> Raça na ficção científica
014	<b>02</b> <b><u>Mark Dery</u></b> De volta para o Afruturo	162	<b>07</b> <b><u>Samuel Delany</u></b> A necessidade de amanhã
066	<b>03</b> <b><u>Alondra Nelson</u></b> Introdução a Future Text	186	<b>08</b> <b><u>Mark Dery</u></b> Afrofuturismo reloaded
092	<b>04</b> <b><u>Tabita Rezaire</u></b> Tráfico exótico	198	<b>09</b> <b><u>Ingrid Lafleur</u></b> Plano de ação
120	<b>05</b> <b><u>W. E. B. Du Bois</u></b> O cometa	212	<b>10</b> <b><u>Drexciya</u></b> A busca

# sumário

pág

216	<b>11</b> <b><u>Kodwo Eshun</u></b> Captura de movimento (entrevista)	280	<b>15</b> <b><u>Sofia Samatar</u></b> Uma breve história sobre os Estudos em Não Dualidade
244	<b>12</b> <b><u>David F. Walker</u></b> O super-herói simbólico	294	<b>16</b> <b><u>D. Scot Miller</u></b> Um Manifesto do Afro-Surreal
254	<b>13</b> <b><u>Walidah Imarisha</u></b> Reescrevendo o futuro		
264	<b>14</b> <b><u>Alamu, Aworinde, Isharufe</u></b> Um estudo comparativo entre o Ifá e a ciência da computação		

# W.E.B. Du Bois

## o cometa

*original*  
The comet

*tradução*  
Francisco Araujo  
da Costa

*referência*  
Du Bois, W.E.B. "Darkwater:  
Voices from within the Veil".  
New York: Harcourt, Brace  
and Company: 1920.

Ele parou por um instante nos degraus do banco, assistindo o rio humano que corria Broadway abaixo. Poucos o notavam. Quase nunca o notavam, exceto de um jeito que doía. Ele estava fora do mundo. Era "nada!", como dizia com amargura. Palavras soltas da multidão chegavam aos seus ouvidos.

— O cometa?

— O cometa...

Era só disso que se falava. Até o presidente do banco, quando entrou, sorriu para ele condescendente e perguntou:

— E então, Jim? Assustado?

— Não — o mensageiro respondeu secamente.

— Achei que já tínhamos passado pela cauda do cometa uma vez — interrompeu um subalterno sendo sociável.

— Ah, esse foi o Halley. Esse cometa é novo, um estranho, pelo que dizem. Que maravilha! Eu vi ontem à noite. A propósito, Jim — o presidente disse, virando-se mais uma vez para o mensageiro. — Quero que você vá aos cofres do subsolo hoje.

O mensageiro seguiu o presidente em silêncio. É óbvio que queriam que ele descesse até os cofres do subsolo. O risco seria grande demais para homens mais valiosos. Ele sorriu sério e continuou a escutar.

— Tudo de valor foi retirado desde que a água começou a vazar — o presidente disse. — Mas estão faltando dois volumes de registros mais antigos. Você bem que podia dar uma olhada lá embaixo... não é muito agradável, imagino.

— Não, não muito — o mensageiro respondeu enquanto se afastava.

— Desta vez, a cauda do novo cometa vai acertar a gente ao meio-dia, Jim — disse o atendente do cofre

enquanto passava as chaves, mas o mensageiro desceu as escadas em silêncio.

Ele foi descendo sob a Broadway, onde uma luz fraca vinha do alto entre os pés de homens apressados, até o porão sombrio, no negrume e no silêncio sob aquela caverna mais profunda. Ali, com sua lanterna escura, ele tateava pelas entranhas da terra, embaixo do mundo.

Ele respirou fundo enquanto abria o último portão de ferro e pisou no lodo fétido que inundava o lugar. Em paz afinal, ele foi tateando em frente. Um rato enorme deu um salto, teias se arrastaram contra seu rosto. Ele foi explorando a sala cuidadosamente, prateleira por prateleira, o chão enlameado, cada canto e cada fenda. Nada. Ele voltou até o fundo, onde a parede tinha algo de diferente. Ele palpou e empurrou e forçou. Nada. Ele começou a se afastar, mas algo o levou de volta. Ele foi sondando e trabalhando quando, de repente, a parede negra inteira girou sobre dobradiças gigantes e um negrume se escancarou à sua frente. Ele espiou para dentro: evidentemente, era um cofre secreto, um esconderijo do velho banco que hoje estava esquecido. Ele entrou, hesitante. Era uma sala longa e estreita, com prateleiras nos lados e um velho baú de ferro no fundo. Em uma prateleira mais alta, ele encontrou os dois volumes de registros desaparecidos, e outros também. Com muito cuidado, ele arrumou os volumes em uma prateleira e se aproximou do baú. Era velho, forte e enferrujado. Ele observou a tranca, enorme e antiquada, e então virou a luz para as dobradiças. Elas estavam profundamente incrustadas de ferrugem. Ele achou um pedaço de ferro caído e começou a forçá-las. Por cem anos a ferrugem havia devorado e penetrado a tranca. Lenta, cansada, a tampa se ergueu, revelando seu tesouro com um último rangido: e lá estava, o esplendor fosco do ouro!

— Bum!

Um estrondo grave e doloroso reverberou em seus ouvidos. Ele deu um salto e olhou para o lados. Tudo estava escuro e paralisado. Ele foi tateando em busca da luz e virou-a de um lado para o outro. De repente, ele sabia! A grande porta de pedra havia se fechado. Ele esqueceu o ouro e encarou a morte nos olhos. Com um suspiro, começou a trabalhar metodicamente. O suor frio banhava sua testa, mas ainda assim ele procurava, batia, empurrava e trabalhava, até que, depois de horas intermináveis, suas mãos acharam um pedaço de metal gelado e a grande porta girou mais uma vez sobre suas dobradiças até atingir algo macio e pesado e finalmente parar. A fresta era apenas o suficiente para ele se espremer. Ele viu o corpo do atendente do cofre, rígido e frio. Olhando fixamente para o corpo, ele sentiu uma onda de náusea. O ar parecia inexplicavelmente podre, com um cheiro forte e peculiar. Ele deu um passo, tentou agarrar o vazio e desmaiou sobre o cadáver.

Ele acordou com a sensação de horror, saltou de cima do corpo e foi tateando escada acima, chamando pelo guarda. O vigia estava sentado, como que dormindo, com o portão oscilando livremente. O mensageiro olhou para ele por um instante e seguiu correndo até o subcofre. Ele chamou os guardas, em vão. Sua voz ecoava e re-ecoava de um jeito estranho. Ele se apressou mais uma vez quando entrou no grande subsolo do banco. Outro guarda estava prostrado com o rosto contra o chão, frio e inerte. Um medo paralisou o coração do mensageiro. Ele saiu correndo até o primeiro porão e entrou no banco. O silêncio da morte pairava por todo o lugar, e por tudo se viam as formas caídas, dobradas e estiradas de homens. O mensageiro parou e olhou ao redor. Ele não era um homem de se deixar afetar, mas a imagem era terrível!

— Assalto e assassinato — ele sussurrou baixinho quando viu a boca retorcida do presidente, gotejando onde estava caído sobre a mesa.

E então ele percebeu que se o encontrassem ali, sozinho, com todo aquele dinheiro e toda aquela gente morta, sua vida não valeria mais nada. Ele olhou para os lados mais uma vez e foi caminhando na ponta dos pés até uma porta lateral. Depois de se virar para trás uma última vez, girou o trinco em silêncio e se dirigiu para as calçadas de Wall Street.

Como a rua estava silenciosa! Não havia viva alma, apesar de ser meio-dia em ponto. Wall Street? Broadway? Quase alucinado, ele olhou para cima e para baixo, então para o outro lado da rua, e enquanto olhava um terror revoltante congelou seus braços e pernas. Com um grito engasgado de puro pavor, deu um salto, se encostou contra o edifício gelado e observou a cena sem saber o que fazer.

Sob o grande portal de pedra, uma centena de homens e mulheres e crianças estavam esmagados e retorcidos, forçados contra aquele grande vão como o lixo em uma lata, como se numa correria frenética por segurança, tivessem moído uns aos outros. Lentamente, o mensageiro foi se esgueirando contra as paredes, molhando os lábios ressecados e tentando entender o que acontecera, controlando o tremor em seus membros e o terror crescente em seu coração. Ele encontrou um executivo com chapéu de seda e sobrecasaca, que também havia se esgueirado ao longo de uma parede lisa e agora estava morto, uma expressão admirada congelada em seus lábios. O mensageiro virou os olhos às pressas em busca do meio-fio. Uma mulher estava recostada contra um poste, cansada, sua cabeça caída sobre as sedas e rendas de sua blusa. Ao seu lado estava um bonde, em silêncio, e dentro dele... mas o mensageiro deu uma olhada e seguiu em frente. Um jornalista imundo estava sentado na sarjeta, a "última edição"

presa em sua mão erguida. "Perigo!", exclamavam as letras negras das manchetes. "Mundo avisa por telegrama. Cauda do cometa passará por nós ao meio-dia. Gases mortais esperados. Feche as portas e as janelas. Esconda-se no porão". O mensageiro leu a notícia e seguiu em frente, cambaleando. Em uma janela no alto, uma menina tinha uma expressão assustada e manguitos sobre os braços. Na soleira de uma loja estava uma menina de rosto gentil, seus olhos virados para os céus, e no carrinho ao seu lado estava... mas o mensageiro não estava mais olhando. Foi a última gota: o terror estourou em suas veias e com um enorme grito sufocado, saiu correndo desesperado, correndo como apenas um homem amedrontado sabe correr, berrando e brigando com o ar até que, com um último urro de dor, caiu sobre a grama de Madison Square e ficou paralisado.

Quando se ergueu, ele não espiou as formas paradas e silenciosas sobre os bancos. Em vez disso, foi até uma fonte e banhou rosto, depois se escondeu em um canto, longe do drama da morte, onde se recompôs e tentou raciocinar sobre a situação. O cometa varrera a terra e o fim havia chegado. Estavam todos mortos? Ele precisava descobrir.

Ele sabia que precisaria se controlar e se acalmar ou acabaria louco. Primeiro, era preciso entrar em um restaurante. Ele caminhou até um hotel famoso na Quinta Avenida e entrou em seus salões lindos e fantasmagóricos. Lutando contra a náusea, arrancou a bandeja de um par de mãos mortas, voltou correndo para a rua e devorou tudo às escondidas.

— Ontem, não teriam me servido — ele sussurrou enquanto se forçava a engolir a comida.

Depois, ele seguiu avenida acima: olhando, espiando, telefonando, tocando campanhas, mas todos estavam no mais absoluto silêncio. Não haveria ninguém,

ninguém... ele não ousava pensar nisso, então foi continuando.

De repente, parou. Ele se esquecera. Meu Deus! Como fora se esquecer? Era preciso correr para o metrô, mas então quase riu. Não: um carro, se ao menos pudesse encontrar um Ford. Ele viu um. Com delicadeza, removeu seu fardo e se acomodou no assento. Ele testou o afogador. O carro tinha gasolina. Saiu dirigindo, tremendo, rua acima. Os mortos estavam por toda a parte, de pé, encostados, recostados, caídos em um silêncio terrível. Ele passou por um automóvel capotado e destruído; depois por outro, lotado com um grupo alegre cujos sorrisos ainda pairavam nos lábios mortos; por multidões e por grupos de carros, parados por policiais mortos. Na Rua 42, precisou desviar para a Park Avenue de modo a evitar o engarrafamento dos mortos. Ele voltou para a Quinta Avenida na Rua 57 e passou voando pelo Plaza e pelo parque, com seus bebês calados e sua multidão silenciosa, mas quando atravessava a Rua 72 ouviu um grito agudo e enxergou uma forma viva estendida de uma janela. Ele se espantou. Aquela voz humana soava como a voz de Deus em seus ouvidos.

— Olá... olá... socorro, pelo amor de Deus! — a mulher exclamou chorando. — Tem uma menina morta aqui e um homem também e... e lá tem gente morta na rua, cavalos mortos também... pelo amor de Deus, chame a polícia...

E com isso suas palavras se perderam em lágrimas histéricas.

Ele virou o carro num círculo repentino, atropelando o corpo de uma criança e saltando sobre o meio-fio. A seguir, subiu os degraus correndo, tentou abrir a porta e bateu violentamente. Depois de uma longa pausa, a porta pesada finalmente se abriu. Eles se encararam em um momento de silêncio. Ela não havia notado que ele era negro. Ele não havia pensado nela como branca. Era uma mulher

de cerca de vinte e cinco anos, uma beleza rara com um vestido sofisticado, cabelo dourado escuro e joias. Ontem, ele pensou com amargura, ela não teria olhado duas vezes para ele. Ele teria sido mera sujeira sob seus pés sedosos. Ela o encarou. De todos os tipos de homem que imaginara salvando-a, jamais sonhara em um como ele. Não que não fosse um ser humano, mas ele vivia em um mundo tão distante do dela, tão infinitamente longínquo, que jamais penetrava seus pensamentos. Observando-o com curiosidade, no entanto, ele parecia bastante comum. Era um trabalhador alto e escuro, de um dos tipos melhores, com um rosto sensível com uma expressão de impassibilidade e as roupas e mãos de um homem pobre. Seu rosto era lento e macio e seus modos ao mesmo tempo frios e nervosos, como uma chama há muito abafada, mas ainda viva.

Por um instante eles pausaram e avaliaram um ao outro, então a lembrança do mundo morto no lado de fora voltou e os dois se aproximaram.

— O que aconteceu? — ela exclamou. — Me conta! Não tem nada se mexendo. Está tudo em silêncio! Estou vendo os mortos da minha janela, como que ceifados pelo sopro de Deus... e estou vendo...

Ela o arrastou até as enormes cortinas de seda, onde, sob o esplendor do mogno e da prata, uma empregada francesa estava estirada em seu sono eterno, e ao seu lado estava prostrado o mordomo, ainda em seu libré.

As lágrimas corriam pelas bochechas da mulher e ela se agarrou ao seu braço até o perfume de sua respiração banhar seu rosto e ele sentir os tremores que corriam pelo corpo dela.

— Eu estava trancada na minha câmara escura, revelando as fotos do cometa que tirei na noite passada. Quando saí, eu... eu vi os mortos!

— O que aconteceu? — ela exclamou novamente. Ele respondeu devagar:

— Alguma coisa, cometa ou demônio, varreu a Terra esta manhã. Muitos morreram!  
 — Muitos? Muitos mesmo?  
 — Procurei por toda a parte e não via mais ninguém vivo, só você.

Ela sufocou um grito e os dois se entreolharam.

— Meu... meu pai! — ela sussurrou.

— Onde ele está?

— Ele saiu para o escritório.

— Onde fica?

— Na Torre Metropolitana.

— Deixe um bilhete aqui e vamos.

Mas então ele parou.

— Não — ele disse, decidido. — Antes, precisamos ir ao Harlem.

— O Harlem! — ela gritou, mas então entendeu.

Ela começou a bater o pé, primeiro com impaciência, depois olhou para trás e se arrepiou. Finalmente, desceu as escadas, resolvida.

— Tem um carro mais rápido na garagem do pátio — ela disse.

— Eu não sei dirigir esse — ele disse.

— Eu sei — ela respondeu.

Em dez minutos, estavam voando contra o vento em direção ao Harlem. O Stutz se ergueu e correu como um avião. Eles viraram na Rua 110 com duas rodas no ar e derraparam na entrada da 135.

Ele ficou fora apenas um instante. Quando voltou, seu rosto estava cinza. Sem olhar, ela disse:

— Você perdeu... alguém?

— Eu perdi... todo mundo — ele disse simplesmente. — A menos que...

Ele correu de volta e ficou vários minutos longe, mas para ela pareceram horas.

— Todo mundo.

Ele caminhou lentamente de volta com um paninho nas mãos, que depois enfiou em um bolso.

— Acho que fui egoísta — ele disse.

Mas o carro já estava seguindo em direção ao parque, desviando dos mortos negros e enrugados do Harlem: os rostos morenos paralisados, as mãos calejadas, as vestes simplórias, o silêncio, aquele silêncio selvagem e assustador. Os dois saíram do parque e foram descendo pela Quinta Avenida, dançando e desviando dos mortos, sem jamais precisar de buzina ou campainha, até a Torre Metropolitana, enorme e quadrada, aparecer no horizonte. Com muito cuidado, ele retirou o ascensorista morto de dentro e o elevador voou até o alto. A porta do escritório estava aberta. Na entrada estava a estenógrafa e, a sua frente, encarando-a, um atendente morto. O escritório interno estava vazio, mas um bilhete estava sobre a mesa, dobrado e endereçado, mas nunca enviado:

Cara Filha,

Fui dar um passeio de cem milhas na nova Mercedes do Fred. Não volto antes do jantar. Levarei Fred comigo.

J.B.H.

— Vamos — ela exclamou, nervosa. — Precisamos procurar na cidade.

De cima a baixo, de um lado ao outro, para a frente e para trás, aquela busca tenebrosa seguiu em frente. Tudo era silêncio e morte, silêncio e morte! Eles caçaram de Madison Square a Spuyten Duyvel, atravessaram correndo a Ponte de Williamsburg, varreram todo o Brooklyn e examinaram o rio desde o Battery até Morningside Heights. Silêncio, silêncio por tudo, e nenhum sinal de humanidade. Exaustos e enlameados, eles desceram a Broadway pela terceira vez, devagar, sob o sol escaldante, até finalmente pararem. Os dois respiraram fundo. Um odor, um cheiro, e com a mudança do vento, um fedor doentio encheu seus

narinas e lançou seu aviso. A garota se acomodou em seu assento, indefesa e impotente.

— O que vamos fazer?! — ela exclamou.

Agora foi sua vez de assumir o comando, o que fez sem demora.

— O telefone de longa distância, o telégrafo e o cabo, foguetes noturnos e depois... voar!

Ela olhou para ele com força e confiança. Ele não se parecia com os homens que sempre imaginara, mas agia como um, e ela estava feliz. Em quinze minutos, eles chegaram à central telefônica. Quando chegaram à porta, ele correu para a frente dela e empurrou-a gentilmente para fora enquanto fechava a porta. Ela escutou enquanto ele ia de um lado para o outro, sabendo os pesos que carregava, os pobres pesinhos que carregava. Quando ela entrou, ele estava sozinho na sala. O painel sinistro brilhava com a imobilidade críptica de uma esfinge. Ela se acomodou em um banquinho e colocou o fone de ouvido reluzente. Ela olhou para o bocal. Jamais vira um deles de perto antes. Era largo e preto, pontilhado com o uso; inerte; morto; quase sarcástico em suas curvas insensíveis. Parecia... ela rejeitou a ideia. Mas parecia, insistia em se parecer com... ela virou a cabeça e notou que estava sozinha. Por um instante, ficou aterrorizada, então o agradeceu silenciosamente e se virou decidida, respirando fundo antes de começar.

— Alô! — ela chamou baixinho.

Ela estava chamando o mundo. O mundo *precisava* responder. Mas será que o mundo *iria* responder? Será que o mundo...

Silêncio!

Ela falara baixo demais.

— Alô! — ela gritou a plenos pulmões.

Ela tentou escutar. Silêncio! Seu coração se acelerou. Ela gritou em alto e bom som:

— Alô... alô... alô!

O que era aquele zunido? Tinha que ser, mas não... mas seria o clique de um receptor?

Ela se aproximou do painel, moveu os pinos nos furos e chamou, chamou até sua voz se transformar quase em um grito, até seu coração estar martelando dentro do peito. Era como se tivesse escutado a última centelha da criação e o mal fosse silêncio. Sua voz caiu para um soluço. Ela ficou sentada, olhando estupidamente para o bocal negro e sarcástico, e a ideia voltou a aparecer. A esperança estava morta dentro de si. Ainda havia o cabo e os foguetes, era verdade, mas o mundo... ela não conseguia expressar o pensamento ou dizer a palavra. Era poderosa demais, terrível demais! Ela se virou para a porta com um novo temor no coração. Pela primeira vez, ela parecia perceber que estava sozinha no mundo com um estranho, com algo mais do que um estranho, um homem de sangue e cultura estranhas. Um desconhecido, talvez impossível de conhecer. Era terrível! Ela precisava escapar, precisava fugir. Ele não podia mais vê-la. Que ideias terríveis ele estaria...

Ela recolheu suas saias de seda em torno de seus membros jovens e macios, escutou com atenção e se recolheu para uma sala lateral. No mesmo instante, deu um passo para trás: a sala estava repleta de mulheres mortas. Ela saltou sobre a porta e começou a bater com força, sangrando os dedos até ela se escancarar. Ela olhou a cena. Ele estava na entrada do beco, uma silhueta alta, negra, imóvel. Estava olhando para ela ou para o outro lado. Ela não sabia, não se importava. Ela simplesmente deu um salto e saiu correndo, correu até ficar sozinha entre os mortos e os bastiões dos arranha-céus.

Ela parou. Estava sozinha. Sozinha! Sozinha nas ruas, sozinha na cidade, talvez sozinha em todo o mundo! Começou a ter uma sensação de engodo, de mãos que se esgueiravam às suas costas, de um movimento silencioso de coisas que não enxergava, de vozes sussurrando uma

conspiração horrenda. Ela olhou para trás e para os lados, assustando-se com sons estranhos e ouvindo outros ainda mais estranhos, até todos os nervos de seu corpo estarem tremendo, estendidos e prontos para gritarem ao menor toque. Deu um giro e correu de volta, chorando feito uma criança, até reencontrar aquele beco estreito e a silhueta negra e silenciosa em sua entrada. Parou para descansar, depois foi caminhando em silêncio até ele. Ela olhou para ele com timidez, mas ele não disse nada enquanto a ajudava a entrar no carro.

— Não... isso — ela sussurrou hesitante.

— Não... isso não! — ele respondeu devagar

Os dois entraram no carro. Ela se debruçou sobre o volante e soluçou, grandes soluços secos e trêmulos, enquanto se dirigiam à central telegráfica no lado leste, deixando para trás o mundo da riqueza e da prosperidade e partindo para o mundo da pobreza e do trabalho. O mundo atrás de si era morte e silêncio, grave e sério, quase cínico, mas sempre decente; aqui, era horrível. Ele trajava todas as formas mais tenebrosas do terror, da luta, do ódio e do sofrimento, coberto de crime e miséria, de ganância e luxúria. Apenas em seu silêncio aterrorizador ele se assemelhava com a morte no resto do mundo.

Mas enquanto os dois, voando solitários pelas ruas, observavam o horror do mundo ao seu redor, a sensação de estarem cercados pela morte foi desertando-os pouco a pouco. Eles pareciam se mover por um mundo mergulhado em um sono silencioso, não morto. Seguiam em reverência discreta para não acordar aquelas formas adormecidas que haviam encontrado a paz final. Atravessavam um cemitério mundial solene sobre o qual algum braço poderosíssimo brandira sua varinha. Toda a natureza dormia até, e ambos tiveram aquela ideia chocante ao mesmo tempo, até os dois se entreolharem: ele, pálido; ela, rubra. Para ambos, a visão de uma grande beleza, de fatos gigantescos e do

qual nada se dizia, encheu suas almas. Mas eles a colocaram de lado.

Grandes cabos negros nasciam da terra e desciam do sol, adentrando esse covil de bruxaria. Os relâmpagos reunidos do mundo estavam centrados ali, usando raios de luz para unir os pontos mais distantes da terra. As portas se abriram para a escuridão interior, e ele parou por um instante na soleira.

— Você sabe o código? — ela perguntou.

— Eu sei o pedido de socorro. É o que usávamos no banco.

Ela mal ouviu. Estava escutando o marulho das águas nas profundezas, aquelas águas sombrias e agitadas, águas frias e tentadoras, como se dizia. Ele entrou. Aos poucos, ela foi caminhando até o muro, onde as águas chamavam ao longe, e se pôs a esperar. Por muito tempo ela esperou, mas ele não veio. De repente, ela o viu também, parado ao lado das águas negras. Ele removeu seu casaco com cuidado e se posicionou, em silêncio. Ela foi rápido para o seu lado e colocou sua mão sobre o braço do homem. Ele não reagiu, não olhou. As águas continuavam a marulhar em seu ritmo hipnótico e mortal. Ele apontou para as águas e disse baixinho:

— O mundo está sob as águas agora... posso ir?

Ela olhou para seu rosto exausto e seu coração se encheu de piedade.

— Não — ela respondeu em uma voz calma e clara.

No alto, eles se voltaram para a vida mais uma vez e ele assumiu o volante. O crepúsculo escurecia o mundo e uma enorme mortalha cinzenta caía gentil e misericordiosamente sobre os mortos adormecidos. O brilho tenebroso da realidade parecia ter sido substituído pelo sonho de um grande romance. A mulher estava recostada em silêncio, escutando o zunido do motor, e buscava quase inconscientemente a rainha élfica que traria a vida de volta a esse

mundo morto. Ela esqueceu de questionar a velocidade com a qual ele havia aprendido a dirigir seu carro. Parecia natural. Quando deram a volta na Madison Square e chegaram às portas da Torre Metropolitana, ela soltou uma exclamação e arregalou os olhos. Será que havia encontrado a rainha?

O homem levou-a até o elevador da torre e os dois subiram rapidamente. No escritório do pai, os dois recolheram tapetes e cadeiras e ele deixou um bilhete sobre a mesa. A seguir, os dois subiram até o telhado e ele a deixou confortável. Por um tempo, ela ficou descansando, mergulhada em um devaneio sonolento, observando os mundos no alto e imaginando. Abaixo estavam as sombras negras da cidade; ao longe, o brilho do mar. Ela olhou para ele timidamente enquanto ele servia comida. Ele enrolou-a em um xale, encostando nela com reverência, mas também com carinho. Ela ergueu seus olhos cheios de gratidão, comendo enquanto ele servia. Ele observava a cidade. Ela observava ele. Ele parecia tão humano, e tão próximo agora.

— Você precisou trabalhar muito? — ela perguntou suavemente.

— Sempre — ele respondeu.

— Eu nunca tive o que fazer — ela disse. — Eu era rica.

— Eu era pobre — ele quase ecoou.

— O rico e o pobre se encontram — ela começou, e ele terminou:

— A todos o Senhor os fez.

— Sim — ela disse lentamente, e então olhou para a grande cidade morta que se estendia a seus pés, nadando em sombras negras. — E como parecem tolas nossas distinções humanas... agora.

— Sim. Eu não era... humano ontem — ele disse.

Ela olhou para ele.

— E seu povo não era o meu povo, mas hoje...

Ela parou. Ele era um homem, nada mais, mas em um sentido maior era um cavalheiro: sensível, bondoso, galante, em tudo exceto suas mãos e seu rosto. Ontem, no entanto...

— A Morte, a grande niveladora! — ele murmurou.

— E a reveladora — ela sussurrou gentilmente, erguendo-se com os olhos abertos.

Ele se afastou e, após se atropalhar por um instante, lançou um foguete contra a escuridão do céu. O foguete subiu, berrou e voou, formando um rastro fino de luz e então espalhando suas estrelas até cair sob a cidade. Ela mal notou. Uma visão do mundo estava à sua frente. Pouco a pouco, a profecia de seu destino foi dominando-a. Acima do passado morto pairava o Anjo da Anunciação. Ela não era uma mera mulher. Não era alta ou baixa, branca ou negra, rica ou pobre. Era a mulher primordial, a mãe possante de todos os homens vindouros e Noiva da Vida. Ela olhou para o homem ao seu lado e esqueceu de tudo, tudo menos sua hombridade, sua hombridade forte e vigorosa, sua tristeza e seu sacrifício. Ela o viu glorificado. Ele não era mais algo distante, uma criatura baixa, um proscrito de outro clima e outro sangue, mas seu Irmão Humano encarnado, Filho de Deus e Pai Todo Poderoso da raça do futuro.

Ele não enxergou a glória em seus olhos, pois continuou a observar fixamente o mar, lançando um foguete após o outro contra a escuridão que o ignorava. Um banco de nuvens púrpuras escuras vagava no oeste. Atrás delas e ao redor, os céus irradiavam uma luz fraca e estranha que inundava o mundo negro e quase produzia um tom menor. De repente, como que varrida por alguma mão enorme, a grande cortina de nuvens desapareceu. Junto ao horizonte estava uma estrela branca e longa, mística e maravilhosa! E dela ascendia até o polo, como o véu branco de uma

nuvem, uma chama pálida e larga que iluminava o mundo e ofuscava as estrelas.

Em um silêncio fascinado, o homem admirou os céus e deixou os foguetes caírem no chão. Memórias de memórias ganharam vida em cantos mortos de sua mente. Os grilhões pareceram se chocar e cair de sua alma. Do que havia de crasso e opressor e constrangedor em sua casta irrompeu a majestade solitária dos reis da antiguidade. Ele se ergueu entre as sombras, alto e sério, com o poder em seus olhos e cetros fantasmagóricos voando até suas mãos. Era como se um grande faraó ou lorde assírio voltasse a vida. Ele se virou para a mulher e viu que ela olhava diretamente para ele.

Em silêncio, imóveis, eles se viram face a face, olho a olho. Suas almas estavam nuas sob a noite. Não era luxúria, não era amor, era algo maior, mais poderoso, algo que não precisava do toque do corpo ou do frêmito da alma. Era um pensamento divino, esplêndido.

Aos poucos, sem fazer nenhum ruído, eles foram se aproximando, sob os céus acima, com o mar ao redor, a cidade morta e sombria abaixo. Ele surgiu das sombras aveludadas, enorme e negro. Esguia e branca como pérola, ela reluzia sob as estrelas. Ela estendeu suas mãos adornadas. Ele ergueu seus braços poderosos. Os dois gritaram um para o outro, quase em uníssono:

— O mundo está morto!

— Longa vida ao...

— Bii! Bii! — o grito rouco e agudo de um automóvel ecoou claramente do silêncio abaixo da torre.

Os dois deram um passo para trás e soltaram um grito, mas então se entreolharam com olhos trêmulos e vacilantes e com o sangue fervendo.

— Bii! Bii! Bii! Bii! — o grito enlouquecido voltou.

Quase que de seus pés, um foguete cortou o ar e espalhou suas estrelas sobre eles. Ela cobriu os olhos com

as mãos e sentiu seus ombros se erguerem. Ele caiu e se inclinou, tateando o chão às cegas, ajoelhado. Uma chama azul estalou preguiçosa depois de algum tempo e ela ouviu o berro de um foguete de resposta voando pelo ar.

Eles estavam parados como a morte, olhando para lados opostos.

— Blém! Crash! Blém!

O estrondo e o tinido dos elevadores velozes saltando desde o térreo estremeceu a grande torre. Um murmúrio e um burburinho de vozes desceu sobre a noite. Por toda a cidade morta, as luzes começaram a piscar, tremular e se acender, e então uma batida súbita anunciou que as portas de entrada da plataforma estavam cheias de homens. Um deles, com cabelos brancos esvoaçados, correu até a mulher e apertou-a contra o peito.

— Minha filha! — ele soluçou.

Atrás dele veio correndo um homem mais jovem e mais belo, vestido no uniforme elegante de um motorista, que se inclinou sobre a mulher com uma apreensão apaixonada e olhou fixamente para ela até ela desviar o olhar, seu rosto se ruborizando mais e mais.

— Julia — ele sussurrou. — Minha adorada, achei que tinha perdido você para sempre.

Ela ergueu a cabeça para ele com olhos estranhos e inquisitivos.

— Fred — ela murmurou quase vagamente. — O mundo... acabou?

— Apenas Nova Iorque — ele respondeu. — É terrível, horrível! Você sabe... mas você, como você escapou? Como sobreviveu a esse horror? Está bem? Está ilesa?

— Ilesa! — ela exclamou.

— E este homem? — ele perguntou.

Ele envolveu a forma caída da mulher com um braço e virando-se para o negro, mas de repente se enrijeceu e sua mão voou para a cintura.

— Ora! — ele rosnou. — Mas... é um crioulo! Julia! Ele... ele ousou...

Ela ergueu a cabeça e olhou para o ex-companheiro com curiosidade, mas então baixou os olhos e suspirou.

— Ele ousou... tudo, para me salvar — ela disse baixinho. — E eu... sou grata, muito grata.

Mas ela não olhou para ele novamente. Quando o casal se afastou, o pai tirou um rolo de notas de um dos bolsos.

— Aqui está, meu bom rapaz — ele disse, colocando o dinheiro nas mãos do homem. — Tome, tome. Como você se chama?

— Jim Davis — veio a resposta em uma voz vazia.

— Jim, muito obrigado. Sempre gostei da sua gente. Se quiser um emprego, me procure.

E com isso, eles se foram.

A multidão subiu e jorrou dos elevadores, conversando e cochichando.

— Quem era?

— Estão vivos?

— Quantos?

— Dois!

— Quem se salvou?

— Uma branca e um crioulo. Lá vai ela.

— Um crioulo? Onde? Vamos linchar o maldito

do...

— Cala a boca! Ele é legal, salvou ela.

— Salvou nada! Não era da conta dele...

— Aí vem ele.

O homem negro foi se arrastando sob o clarão das luzes elétricas, com os olhos de um sonâmbulo.

— Ora, mas vejam só! — exclamou um curioso. — De toda Nova Iorque, só uma menina branca e um crioulo!

O homem negro não ouviu nada. Ele ficou em silêncio sob brilho das luzes, olhando fixamente para o

dinheiro em suas mãos e se encolhendo com aquela visão; lentamente, colocou a mão no bolso, tirou uma boininha de bebê e olhou mais uma vez. Uma mulher subiu até a plataforma e olhou para os lados, protegendo os olhos. Ela era pequena, de pele castanha, com o semblante exausto. Em um dos braços, levava o cadáver de um bebê negro. A multidão se abriu e seus olhos caíram sobre o negro. Com um grito, ela foi cambaleando até ele.

— Jim!

Ele girou e, com um soluço de alegria, pegou-a em seus braços.